

fôra mãe e, vendo o seu Jesus crucificado no madeiro da infamia, soubera conformar-se com os designios divinos. Acima de todas as recordações, como alegria suprema de sua vida, pareceu-lhe ouvir ainda o Mestre, em casa de Pedro, a lhe dizer: — "Vai filha! Sê fiel!" — Então, possuída de força sobrehumana, a viúva de Khouza contemplou a primeira vítima ensanguentada e, fixando no jovem um olhar profundo e inexprimível, na sua dor e na sua ternura exclamou firmemente:

— Cala-te, meu filho! Jesus era puro e não desdenhou o sacrifício. Saibamos sofrer na hora dolorosa, porque, acima de todas as felicidades transitorias do mundo, é preciso ser fiel a Deus!

A esse tempo, com os aplausos delirantes do povo, os verdugos lhe incendiavam, em derredor, achas de lenha embebidas em resina inflamável. Em poucos instantes, as labaredas lamberam-lhe o corpo envelhecido. Joana de Khouza contemplou, com serenidade, a massa de povo que lhe não entendia o sacrifício. Os gemidos de dor lhe morriam abafados no peito opresso. Os algozes da martir cercaram-lhe de improperiros a fogueira:

— O teu Cristo soube apenas ensinar-te a morrer? perguntou um dos verdugos.

A velha discípula, concentrando a sua capacidade de resistência, teve ainda forças para murmurar:

— Não apenas a morrer, mas também a vos amar!...

Nesse instante, sentiu que a mão consoladora do Mestre lhe tocava suavemente os ombros, e lhe escutou a voz carinhosa e inesquecível:

— Joana, tem bom animo!... Eu aqui estou!...

## XVI

### O TESTEMUNHO A TOMÉ

Conta a narrativa de Marcos que, voltando Jesus de uma das suas excursões, se encaminhou para o território de Dalmanuta, onde vários fariseus se puseram a discutir com ele, para experimentá-lo. Entremostrando a dor que lhe causava a incompreensão ambiente, o Mestre exclamou com a sua energia serena: — "Porque pede esta geração um sinal do céu?"

Era frequente buscarem o Messias com a preocupação exclusiva do maravilhoso. Alguns exigiam os milagres mais extravagantes, no ar, no firmamento, nas águas. Jesus não afirmava ser o Filho de Deus?... No exercício do seu ministério, não expulsara espíritos malignos, não curara paralíticos e leprosos? Os fariseus principalmente eram os que desejavam crer nos ensinamentos novos, mas, dentro das normas do velho egoísmo humano, reclamavam prévias compensações do sobrenatural ao apoio do dia seguinte.

De todos os discípulos, era Tomé o que mais se preocupava com a dilatação, que lhe parecia necessária, da zona de influenciação do Senhor junto dos homens considerados os mais importantes e os mais ricos. Não raro, insistia com Jesus para que atendesse às exigências dos fariseus bem aquinhoados de autoridade e de riqueza.

Naquele dia de breve repouso em Dalmanuta, o Mestre descansava na choupana de um velho pescador por nome Zacarias, quando o discípulo surgiu inesperadamente, reclamando-lhe a atenção nestes termos:

— Senhor, numerosos homens de importância estão na localidade e desejam o sinal de vossa missão divina.

Reparando que Jesus guardara silêncio, Tomé continuou a falar, desejoso de acender entusiasmo em torno do seu alvitre.

— São altos funcionários de Herodes, em companhia de doutores de Jerusalém, que excursionam por estas paragens... Além disso, estão acompanhados de patrícios romanos, interessados em conhecer o lago e as suas aldeias mais influentes. Esses viajantes ilustres fizeram-me portador de um convite atencioso e amável, pois vos esperam em casa do centurião Cornelio Cimbro!...

Jesus, entretanto, depois de longo silêncio, no qual pareceu examinar detidamente a atitude mental do interlocutor, perguntou com serenidade, mas em tom algo doloroso:

— Que desejam de mim?

— Querem conhecer-vos, Mestre! — replicou o apóstolo mais confortado.

— Não é necessário que me vejam a mim; mas, que sintam a verdade que trago de Nosso Pai — redarguiu Jesus, com tranquila firmeza.

Deixando transparecer o desgosto que aquela resposta lhe causava, Tomé insistiu:

— Mestre, Mestre, atendei-os!... Que será do Evangelho do Reino e de nós mesmos, sem o apoio dos influentes e prestigiosos? Acreditais na vitória sem o amparo das energias que dominam o mundo? Mostrai-vos a esses homens, revelai-lhes o vosso poder divino, pois que, ao demais, eles apenas desejam conhecer-vos de perto!...

— Tomé — exclamou o Senhor, com energia — Deus não exige que os homens o conheçam,

senão no santuário do perfeito conhecimento de si mesmos. Eu venho de meu Pai e tenho de ensinar as suas verdades divinas. Nunca reclamei dos meus discípulos as suas homenagens pessoais, apenas tenho recomendado a todos que se amem, reciprocamente, através da vida!

E, desfazendo as ponderações descabidas do discípulo, continuou:

— Julgas então que o Evangelho do Reino seja uma causa dos homens perecíveis? Se assim fosse, as nossas verdades seriam tão mesquinhas como as edificações precárias do mundo, destinadas à renovação pela morte, nos eternos caminhos do tempo. Os patrícios romanos e os doutores de Jerusalém não terão de entregar a alma a Deus, algum dia? Quem será, desse modo, o mais forte e poderoso? Deus, que é o Pai de sabedoria infinita, na eternidade de sua glória, ou um cesar romano, que terá de rolar do seu trono enfeitado de purpura, para o pó tenebroso da sepultura?!

Tomé escutava-o, surpreso e entristecido; todavia, com o propósito de se justificar, acrescentou comovido:

— Mestre, comprehendo as vossas observações divinas; no entanto, esses forasteiros desejavam apenas um sinal de Deus nos céus.

— Mas, se são incapazes de perceber a presença do Nosso Pai, como poderão reconhecer-lhe um simples sinal? — perguntou Jesus, com todo o vigor da sua convicção. Os pais humanos sabem que sem o seu esforço, ou sem a generosa cooperação de alguém que os substitua, à frente da família, não seria possível o desenvolvimento de seus filhos, no que se refere à assistência material; contudo, os homens do mundo encontram a casa edificada da natureza, com a exatidão de suas leis, e timbram sempre em negar a assistência da Providência Divina. Vai, Tomé, e dize-lhes que o Evangelho do Reino não se destina aos que se encontram satisfeitos e confortados na Terra; des-

tina-se justamente aos corações que aspiram a uma vida melhor!

Ante a firmeza das elucidações, o apostolo não mais insistiu. Ainda, porém, interrogou, hesitante:

— Mestre, qual será então a nossa senha? como provar ás creaturas que o nosso esforço está com Deus?

Uma só lagrima, que console e esclareça um coração atormentado — explicou Jesus — vale mais do que um sinal imenso no céu, destinado tão somente a impressionar os miseraveis sentidos da creatura. A nossa senha, Tomé, é a nossa propria exemplificação, na humildade e no trabalho. Quando quizeres esclarecer o espirito de alguém, nunca lhe mostres que sabes alguma coisa; sofre, porém, com as suas dores e colherás resultado. A redenção consiste em amar intensamente. Se te interessas por um amigo, suporta os seus infortunios e imperfeições, anda em sua companhia nos dias amargos e dolorosos! O nosso sinal é o do amor que eleva e santifica, porque só ele tem a luz que atravessa os grandes abismos. Vai e não descreias, porque não triunfaremos no mundo somente pelo que fizermos, mas tambem pelo que deixarmos de fazer, no ambito das suas falsas grandezas!...

Desde esse dia, o apostolo Tomé reformou a sua concepção sobre as mensagens do céu, no capitulo dos milagres; entretanto, não conseguia escapar a pequeninas indecisões, em materia de fé. Não podia excluir de sua imaginação o desejo de uma vitoria ampla e facil do Evangelho, pela renovação imediata do mundo.

Dentro em pouco, porém, a onda das perseguições vinha desfazer a suave e divina ventura. O Mestre fôra preso. Com exceção de João, que

se conservara junto de sua mãe, todos os discípulos se afastaram espavoridos.

Tambem ele não resistiu ás grandes vacilações do triste momento. Debandara. Todavia, depois, sentira o coração pungido de remorsos acerbos. Almejava contemplar o Mestre querido, ouvir, se possível, pela ultima vez, uma palavra de exprebração dos seus labios divinos. Disfarçando-se, então de maneira a tornar-se irreconhecivel, afim de se livrar das iras da multidão, incorporou-se, nas ruas movimentadas, ao ruidoso cortejo. Seu coração batia acelerado. Rompeu a massa popular e aproximou-se do Messias, que caminhava sob a cruz a passos vacilantes, seguido de perto pelos soldados que o protegiam contra os ataques da plebe. Sentiu que uma grande angustia lhe dilacerava as fibras mais delicadas da alma. Contudo, seguiu sempre, até que o madeiro se ergueu exibindo o sentenciado sob os raios do sol claro, no topo de uma colina, como para apresentar o espetáculo ás vistas do mundo inteiro.

Tomé contemplou fixamente o Mestre e notou que o espirito se lhe mantinha firme. Sua fisionomia serena, não obstante o martirio daquela hora, não refletia senão o amor profundo que lhe conheceria nos dias mais lindos e mais tranquilos. Seus pés, que tanto haviam caminhado para a semeadura do bem, estavam ensanguentados. Suas mãos generosas e acariciadoras eram duas rosas vermelhas, gotejando o sangue do suplicio. Sua fronte, em que se haviam abrigado os pensamentos mais puros do mundo, se mostrava aureolada de espinhos.

Tomé se poz a chorar discretamente; logo, porém, como se o olhar do Mestre o buscassem, entre os milhares de criaturas reunidas, observou que Jesus o fitara e, magnetizado pela sua feição divina, avançou hesitante. Desejava escutar daqueles labios adorados a reprevação franca e sincera que merecia o seu condenavel procedimento, fugindo ao testemunho da hora extrema. Aproximou-se ofe-

gante da cruz e, deixando perceber que apenas cedia a uma necessidade espiritual naquele instante supremo, ouviu Jesus dizer-lhe em voz quasi imperceptivel:

— Tomé, no Evangelho do Reino, o sinal do céu tem de ser o completo sacrificio de nós mesmos!...

O apostolo comprehendeu-lhe as palavras e chorou amargamente.

\*

Não obstante a advertencia do Messias, feita do cimo da cruz da humilhação e do sofrimento, o discípulo continuava naquela atitude que se caracterizava por duvidas quasi invenciveis. Considerava o Cristo a mais alta figura da humanidade, em se tratando do amor que ilumina as estradas escabrosas da vida material; mas, no que se referia ao raciocinio, Tomé mantinha certas restrições. Sua alma se deixava empolgar por inumeras indecisões, quando a noticia fulgurante da ressurreição estalou em Jerusalém, por entre vivas manifestações de alegria.

Maria de Magdala, Pedro, João, bem como outros companheiros, tinham visto o Senhor, tinham-lhe escutado a palavra consoladora e divina. Incerto de si mesmo, quasi vencido na sua escassa fé, o discípulo procurou os amigos diletos, ansiando pela manifestação do Mestre adorado. Reunida a pequena comunidade, depois das preces habituais, Jesus penetrou na sala humilde com sereno sorriso, desejando aos companheiros paz e bom animo, como nos dias venturosos e risonhos da Galiléia. Tomé, sentindo o coração bater-lhe precipitado, ergueu os olhos. O Senhor, percebendo-lhe os pensamentos mais ocultos, aproximou-se do discípulo de fé vacilante e o convidou a tocar-lhe as chagas.

Depois de pronunciar as palavras que as narrativas apostolicas registraram, acrescentou bondosamente: — "Tomé, põe a tua mão nas minhas chagas e não te esqueças de que este é o sinal!..."

Então, a razão fria do apostolo notou que um clarão novo o invadia e lhe penetrava a alma. Compreendeu finalmente que o martirio do coração que ama se reveste de misterioso poder. Tocado pela humildade do Mestre redivivo, prosternou-se e chorou. Suas lagrimas eram de ventura e lhe proporcionavam ao espirito um jubilo para cujo preço todos os tronos da Terra eram miseraveis e pequeninos. Sua alma acabava de vencer uma grande batalha. O coração triunfara do cerebro, o sentimento lhe acrisolara a fé.